

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21887>

## O amor como missão: os sentidos do casamento no correio feminino de Myrna/ Nelson Rodrigues

*Love as mission: the senses of  
marriage in the female mail of  
Myrna/Nelson Rodrigues*

Nadir Marques Mauricio ALMEIDA (IFAL)  
[nadir.mma2233@gmail.com](mailto:nadir.mma2233@gmail.com)

Aguimario Pimentel SILVA (UFPE/IFAL)  
[aguimario.pimentel@ifal.edu.br](mailto:aguimario.pimentel@ifal.edu.br)

Recebido em: 23 de abr. de 2020.  
Aceito em: 21 de maio de 2020.

ALMEIDA, Nadir Marques Mauricio;  
SILVA, Aguimario Pimentel. O  
amor como missão: os sentidos  
do casamento no correio feminino  
de Myrna/Nelson Rodrigues.  
**Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2,  
e1887, p. 1-17, maio-ago/2020. DOI:  
10.22168/2237-6321-21887.

**Resumo:** Este trabalho objetiva discutir como se constrói a representação feminina nas cartas escritas por Nelson Rodrigues com o heterônimo Myrna, publicadas no jornal carioca *Diário da Noite*, no ano de 1949, dentro do correio feminino *Myrna escreve*. Trata-se de um estudo embasado na Análise do Discurso de linha francesa, que estuda os sentidos e as condições em que eles são produzidos. Nessa perspectiva, investiga-se a relação entre a mulher e o casamento nos textos do referido correio feminino. O *corpus* é constituído de oito sequências discursivas selecionadas de cinco textos publicados no jornal. As reflexões desenvolvidas apontam que os sentidos produzidos a partir dos escritos de Myrna indicam a identificação com uma formação discursiva tradicional, que associa o sucesso de um casamento à boa aparência física da mulher, às características historicamente relacionadas à sua feminilidade e, por fim, à sua busca incessante pelo amor.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Mulher. Discurso jornalístico.

**Abstract:** This paper aims to discuss how female representation is constructed in the letters written by Nelson Rodrigues with the heteronym Myrna, published in *Diário da Noite* newspaper from Rio de Janeiro, in 1949, inside the female mail *Myrna escreve*. It is a documentary and bibliographical analysis, based on the French Discourse Analysis, which studies the senses and conditions under which they are produced. From this perspective, we investigate the relationship between women and marriage in the texts of the female mail. The corpus consists of eight selected discursive sequences from five texts published in the newspaper. The reflections developed point out that the senses produced from Myrna's writings indicate the identification with a traditional discursive formation, which associates the success of a marriage with the woman's good physical appearance, the characteristics historically related to her femininity and, finally, your endless search for love.

**Keywords:** Discourse Analysis. Woman. Journalistic discourse.

## Introdução

Este trabalho discute a questão da representação feminina na imprensa à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, que estuda os sentidos e as condições em que eles são produzidos. Nessa perspectiva, trabalha-se, aqui, a relação entre a mulher e o casamento em textos do correio feminino *Myrna escreve* (1949). As produções analisadas ao longo do artigo são cartas escritas por Nelson Rodrigues com o heterônimo Myrna, publicadas no jornal carioca *Diário da Noite*.

A pesquisa, de caráter documental, envolveu o trabalho com fontes primárias: as edições em que as colunas de Myrna foram publicadas. A partir do aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, buscamos entender as condições sociais do período em questão, as determinações históricas em relação ao sentido do “ser mulher”, bem como os discursos impositivos que eram colocados pela sociedade da época no que diz respeito às relações entre homens e mulheres, com destaque para o imaginário social relativo ao casamento.

O jornal *Diário da Noite* foi publicado no Rio de Janeiro. O conteúdo do periódico era bastante variado. As notícias eram apresentadas em vários e pequenos cortes na folha do jornal. Além disso, eram veiculadas propagandas, narrativas gráficas, notas de falecimento, contos policiais, divulgações de apresentações teatrais e alguns jogos para passar o tempo. Essa pluralidade de conteúdos acarretava, provavelmente, um público maior e, como consequência, mais lucro para o periódico.

O *Diário da Noite* apresentava-se, então, como um jornal múltiplo. Consequentemente, seu público também era variado, e esse é um dos motivos pelos quais as cartas publicadas na coluna de Myrna

chamavam a atenção não apenas de mulheres, mas também de homens. Apesar de escritas pelo romancista e dramaturgo Nelson Rodrigues, apenas o nome de Myrna era divulgado. A coluna *Myrna escreve* aparecia, no jornal, junto à imagem de uma mulher com uma tarja negra nos olhos. Vale ressaltar, nesse sentido, que estamos tratando de um heterônimo e não de um pseudônimo, uma vez que

um pseudônimo é apenas um nome falso, usado quase sempre com o propósito de esconder o ortônimo, ou seja, o nome original. Mas o heterônimo é, podemos dizer, outro personagem: embora criado pelo autor, tem tão forte atuação que chega às vezes a encobrir o seu criador. O heterônimo é uma invenção que adquire vida própria, e quase sempre apresenta características distintas em relação ao ortônimo. (PIMENTEL, 2014, p. 114).

A Análise do Discurso, segundo Orlandi (2009), procura entender como a língua(gem) produz sentidos. Para a autora, por meio desse campo, é possível analisar a linguagem em sua dimensão simbólica, de maneira a se perceber o estado constitutivo do homem e da sua história. Em segundo lugar, a Análise do Discurso trabalha com a noção central de sujeito. Para Orlandi (2006, p. 17), “[...] sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. É pelo fato mesmo de dizer que o sujeito se diz, se constitui”.

Considerando o nosso material de estudo, verifica-se que há um sujeito enunciador (Nelson Rodrigues) que assume uma figura feminina (Myrna) ao produzir seus textos. No espaço do jornal, esse sujeito é apagado em favor do heterônimo construído, o que põe em discussão a própria noção de autor. Não sendo simplesmente alguém que escreve, o autor, para a Análise do Discurso, é

uma das posições assumidas pelo sujeito no discurso, sendo ela a mais afetada pela exterioridade (condições sócio-históricas e ideológicas) e pelas exigências de coerência, não-contradição e responsabilidade. Ao se converter em autor, o sujeito da enunciação sofre um apagamento no discurso, dividindo-se em diversas posições-sujeito; ou seja, o autor é quem assume a função social de organizar e assinar uma determinada produção escrita, dando-lhe a aparência de unicidade (efeito ideológico elementar). (FERREIRA, 2001, p. 12).

Logo, o autor configura-se como uma posição, assinando determinado material. Nas cartas do jornal analisado, podemos dizer que a figura de Myrna é quem assume a função de autoria, ainda que se trate de uma figura fictícia. Pêcheux (2014b) defende a existência de posições-

sujeito que funcionam no discurso e ocupam determinados lugares no âmbito dos processos discursivos. Desse modo, se o sujeito se constitui em posições-sujeito, e se isso é determinante daquilo que pode e deve ser dito, podemos afirmar, assim, que Myrna constitui uma posição entre outras possíveis. São as implicações dessa posição que procuramos compreender.

Ao dialogar com a sociedade da época, expressando suas opiniões sobre as relações amorosas, Nelson Rodrigues procurou assumir a figura de uma mulher que falava para outras mulheres. Dessa maneira, os sentidos produzidos em relação ao amor, ao casamento e ao “ser mulher” são influenciados pela posição discursiva assumida, pois se trata de uma posição feminina.

Para entendermos melhor a posição de Myrna e os sentidos produzidos a partir dela, é interessante observarmos qual era o modelo socialmente legitimado do homem e da mulher para a época em questão, com especial destaque para o ideário relativo ao matrimônio enquanto instituição. Sobre isso, Mittanck (2017) nos informa que, em meados do século XX, o principal objetivo de vida da maioria das mulheres ainda era o casamento. Essa realização era vista como uma missão, duradoura e sagrada, defendida pela igreja. Não conseguir se casar era um dos principais temores femininos, pois as mulheres eram educadas, desde a infância, para se tornarem boas esposas. A autora ainda ressalta que a sociedade investia esforços na conservação desses costumes, refreando ações de caráter mais progressista que visassem a romper, de alguma forma, a memória social atrelada à imagem da mulher.

No que se referia à aptidão para o namoro, o noivado e o casamento, as moças e os rapazes eram associados a determinadas imagens de forte presença na sociedade do período. Ele, por exemplo, poderia ser considerado um *bom rapaz* ou um *rapaz temível*, enquanto ela poderia ser classificada como *moça casadoura* ou *leviana*. Os rapazes temíveis eram os que se aproveitavam da ingenuidade das moças: eram mulherengos, logo, deveriam ser evitados, porque colocavam em risco o ideal de felicidade no casamento. O bom rapaz, por sua vez, era distinto, sério e considerado, pela família e pela sociedade, como um “bom partido”. Era aquele que não passaria dos limites nas relações amorosas, ainda que tal fato fosse visto como aceitável, pois dizia respeito aos seus “instintos naturais”.

Nesse sentido, mesmo que a sociedade se apresentasse bastante conservadora, de acordo com Mittanck (2017), nem todas as moças seguiam as regras, o que as levava a serem enquadradas como

*levianas*. Embora suas atitudes fossem vistas por muitos como atos de coragem e de liberdade, as levianas deveriam ser evitadas pelas *moças boas*, e dificilmente conseguiam casar-se, uma vez que a maioria dos homens não aceitaria firmar um casamento, por exemplo, com uma mulher que tivesse mantido relações sexuais com outro homem.

É importante destacar que tais formas de avaliação social eram mobilizadas conforme os rapazes ou as moças se mostrassem mais ou menos identificados com o que constituía, à época, o discurso dominante sobre as relações matrimoniais. Assim, tais representações emergiam a partir dos saberes estabilizados que formavam a cultura e suas construções imaginárias.

### **As cartas de Myrna e a defesa de uma missão da mulher**

Os textos aqui analisados foram publicados, no jornal, para responder aos questionamentos das leitoras do referido correio feminino. Para nossa análise, elegemos os seguintes textos: *Sejamos irresponsáveis, um pouco irresponsáveis* (12/04/1949), *Maria tem medo do casamento* (09/05/1949), *O primeiro dever da mulher* (09/07/1949), *Não existem mulheres feias* (29/09/1949) e *Não tenha medo da solidão...* (05/10/1949).

Na coluna de Myrna, há o que Bezerra (2006) descreve como estratégias da autora para persuadir o público-alvo e gerar intimidade. Uma delas, por exemplo, é o fato de o texto apresentar construções linguísticas como “**você** me escreve” e “minha **boa amiga**”, que visam a uma aproximação com o/a leitor/a.

Outro aspecto, contrário a essa aproximação, é o distanciamento da leitora que tem seu problema discutido, por meio de generalizações e do uso de pronomes indefinidos, como em “O mínimo que **uma noiva** pode prometer ao homem...” e “**Nenhuma** mulher deve ter medo de ficar solteira”. No que se refere a esse distanciamento, Mariani (1996) discute a noção de *discurso sobre*. De acordo com a autora, esse discurso representa um lugar de autoridade e efetua transmissão de conhecimento. O sujeito enunciativo produz um efeito de distanciamento em relação ao objeto sobre o qual fala. Tal distância permite a conversão daquele que está falando em um observador imparcial. Desse modo, tornam-se possíveis o ensinamento de juízos de valor e a veiculação de opiniões, uma vez que o enunciativo não se envolve com a questão. Ao falar das mulheres usando a terceira pessoa, por exemplo, Myrna constrói um *discurso sobre* o feminino, significando-o a partir de sua posição.

Myrna acaba por representar, então, um lugar de autoridade. Para as suas leitoras, ela aparece como uma especialista. O tom imperativo que ela adota, ao tentar ajudar as mulheres da época, influencia o que elas devem pensar, a forma como devem agir e aquilo que não podem fazer. Assim, suas recomendações produzem efeitos de sentido que, conjuntamente, constituem um modo de significar a mulher.

Em nossa primeira sequência discursiva (SD)<sup>1</sup>, retirada do texto “O primeiro dever da mulher”, vemos Myrna dando alguns conselhos a uma leitora a respeito do que vem a ser uma mulher, ensinando o que é “ser mulher”. Vale ressaltar que a culpa de o casamento não dar certo é atribuída ao sexo feminino, ou seja, se o casamento não perdurou, foi por culpa da mulher, que não procurou meios para “ficar mais bonita” ou manter a “beleza”. Ademais, a colunista não possuía grandes preocupações com a sua sinceridade, mantendo um posicionamento crítico e chegando a chamar de “patético” o comportamento de sua leitora:

SD1. Eis uma esposa que vem e diz, com uma candura patética, que ‘tem mais que fazer’, do que se enfeitar para o marido, do que se embelezar para ele, do que encantá-lo, fasciná-lo! Minha pobre ‘Descontente’! Quem devia escrever uma carta para mim, e assinar-se ‘Descontente’, era seu marido e não você. Porque o mínimo, absolutamente o mínimo que um esposo pode desejar e esperar de uma esposa, é que seja ‘interessante’ para ele. Digo ‘interessante’ como mulher, como imagem para seus olhos, como graça para o seu espírito, como elegância para o seu gosto.<sup>2</sup>

“Descontente” (pseudônimo usado pela leitora) é uma pessoa infeliz no seu casamento, pedindo, assim, ajuda a Myrna, que desdenha das declarações e argumenta sobre os deveres de uma mulher casada. Para a colunista, ser mulher é ser interessante para o marido, ser elegante para o gosto dele. Percebe-se, dessa forma, o que seria a exigência mínima do homem em relação à esposa. É relevante observar, no texto, que o cuidado com a imagem é uma referência apenas para

<sup>1</sup> Tomamos a noção de sequência discursiva tal como a define Courtine (2014, p. 55). Para ele, as SDs são “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”.

<sup>2</sup> A transcrição dos recortes manteve a norma ortográfica vigente na época, por uma questão de fidedignidade em relação ao conteúdo das fontes.

a esposa, que precisa ser vista como bela. Segundo Silva, Daróz e Carneiro (2017, p. 31), “os tratamentos de beleza são recomendados porque imaginariamente colaboram para a afirmação da feminilidade e também do sucesso social”.

Assim, por meio de tais imposições, o discurso de Myrna vai construindo um modelo idealizado de mulher, o que nos aproxima da noção de formação imaginária proposta por Pêcheux (2014a). Para Brandão (2004), essa noção designa o lugar que os interlocutores vão atribuir a si mesmos e ao outro, isto é, a imagem que eles projetam do seu próprio lugar e do lugar do outro.

Quando Nelson Rodrigues criou Myrna, ele pretendia falar como uma mulher. É relevante que a função de autoria seja ocupada pela figura de uma mulher que fala sobre outras mulheres. Myrna era uma figura de ideais conservadores, defensora do amor, do casamento e, sobretudo, da manutenção do imaginário da mulher bela. Entretanto, Myrna articula essas imagens a partir dos sentidos disponíveis no próprio ambiente sociocultural do período. Para Pêcheux (2014a), as formações imaginárias não provêm da percepção isolada de um sujeito, mas de processos discursivos anteriores. Então, é pelo “já ouvido” e pelo “já dito” que as formações imaginárias vão se constituindo.

A graça de “ser uma mulher” é tão importante que aparece como algo primordial, a ser observada antes de qualquer coisa, como verificamos no recorte da SD2:

SD2. Como usar bem o título de esposa? De muitas maneiras, inclusive sendo mulher, na plenitude da graça. Cabe a mim ou a você ou a qualquer ‘ser mulher’. Se a esposa abandona seus encantos e não os preserva, nem cultiva, cedo ou tarde pagará pelo seu desleixo. Você me escreve e se enche de razões. Coitada! Coitada! Você não tem razão alguma, a mínima razão. Saiba que você pode não ter tempo para outras coisas: pode deixar a sala, a cozinha desarrumada. Só quem não pode estar desarrumada é você mesma. Compreendeu? Não faça o jantar, não faça o almoço, mas faça-se a si mesma. Eis o mistério das esposas sempre amadas: colocar a integridade de sua graça física, do seu encanto de mulher, acima de tudo. Seu principal cuidado de esposa é este: ser mulher.

Percebe-se, então, a existência de uma preocupação com a aparência da mulher e com a satisfação dos desejos do homem. Para Myrna, o sucesso da mulher, no casamento, é obtido por meio da beleza física. O seu discurso sobre o sexo feminino revela uma identificação com uma formação discursiva tradicional. Tomamos formação discursiva como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito* [...]”. Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147).

É preciso relacionar o discurso com a exterioridade que o determina, uma vez que “[...] as condições de produção incluem, pois, os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2006, p. 15). Para Zechlinski (2005, p. 8), referindo-se ao correio que investigamos,

o jornal utiliza-se de todas essas características em benefício próprio. Primeiro, no sentido de divulgar uma moral conservadora (pois não fazia parte de uma imprensa progressista). Por outro lado, a própria polêmica causada pela forma exagerada como Myrna explicita suas teorias rende ao jornal, pois chama a atenção dos leitores.

No texto “Não existem mulheres feias”, Myrna instrui as mulheres que não têm o que ela chama de “graça de berço”, apontando, então, a existência de uma “beleza adquirida”. Assim, a mulher teria outras características que lhe poderiam proporcionar uma “graça voluntária”. As instruções mostram, novamente, o fato de o sexo feminino ter a responsabilidade de buscar meios para conseguir conquistar o sexo oposto.

SD3. Mas aquelas que não tiveram a sorte de um dom de bêrço, podem fazer de seu encanto pessoal uma virtude adquirida. ‘Adquirida’ como? Pelo esforço, pela inteligência, pela sensibilidade, pela educação. Se há, como eu já disse, uma graça involuntária, espontânea, há uma graça ‘voluntária’, um encanto criado pela própria mulher e acrescentado a sua personalidade. Uma feia consciente, uma feia com a necessária autocrítica, poderá superar, de muito, a bonita negligente ou desleixada: poderá tratar-se com mais apuro e mais constância. Sobretudo, uma coisa: não diga, jamais, a um pretendente seu, que se julga feia. Ele poderá não ter percebido e fará, então, a descoberta.

Assim, para a mulher ter êxito na realização de uma paixão e, conseqüentemente, de um casamento, ela teria que estar totalmente dedicada à sua imagem. Os substantivos utilizados por Myrna para se referir à beleza feminina também são interessantes: para ela, inteligência, sensibilidade e educação são atributos comumente relacionados à delicadeza da mulher. O emprego dessas palavras indica a existência de posições distintas no discurso produzido. Se, até então, mostrava-se uma identificação com a ideia de que o sucesso da mulher no casamento viria por meio da boa aparência física, aqui se configuram outros sentidos: defende-se que a beleza feminina está ligada à caracterização da mulher como inteligente, educada e sensível. Trata-se de uma formação imaginária da mulher “comportada, digna de casar”, por suas qualidades essencialmente femininas.

Nas palavras de Silva, Daróz e Carneiro (2017, p. 31), “[...] a beleza é também significada como um caminho para se alcançar o amor, uma vez que, tanto na filosofia como na literatura, o belo é associado ao amor”. Ao final do texto, Myrna ainda ensina que as pretendentes não devem, nunca, expressar para o outro que se acham feias, pois o homem pode não o ter percebido. Tal instrução reforça a ideia de que a beleza não está vinculada unicamente ao aspecto físico da mulher, mas também aos caracteres de sua personalidade.

O amor também aparece como algo primordial. A posição tomada pelo heterônimo de Nelson Rodrigues é a de que o sentimento deve existir, independentemente de ele ser realizado ou não. A idealização do amor tem raízes profundas na constituição do imaginário ocidental, razão pela qual se nota a presença de uma memória de sentidos que é atualizada no discurso de Myrna. Para Orlandi (2006), a memória discursiva diz respeito ao que é falado antes e em outro lugar, de modo independente. Assim, segundo a autora, as palavras e os sentidos têm sua história, porque existem *na* história. Desse modo, em cada sociedade e em cada tempo, há condições de produção particulares que fazem com que cada palavra possa significar de forma específica.

No início de nossa discussão, vimos que, segundo Mittanck (2017), as mulheres eram educadas desde pequenas para projetar uma vida feliz, no casamento, ao lado de um grande amor. É de se esperar, portanto, que Myrna seja uma defensora do amor, pois a sociedade conservadora da época exigia que as mulheres casassem e vivessem exclusivamente para o casamento. Assim, os textos de Myrna retomam sentidos preexistentes, presentes numa memória que se reconstrói. Para Fontes (2017), há, nesses

textos, uma naturalização do amor romântico, bem como uma espécie de abdicação ou negação de si em detrimento do outro, o que comprovaria, em teoria, a intensidade ou a validade do casamento.

Amor não é sinônimo de felicidade, mas viver desta forma é infinitamente melhor do que estar sozinho, segundo o texto. A ideia perpassa um dever de submissão e subjugação feminina, em que desejos e insatisfações são totalmente reprimidos. Percebe-se que a mulher esboçada por Nelson Rodrigues [...] é aquela que é livre para tudo sentir, mas tolhida ao realizar seus próprios interesses por estar envolta em moralismos e falsas expectativas da relação conjugal. Conselhos como estes só reforçam a inércia feminina e a falta de ações que correspondam verdadeiramente os anseios pessoais. (FONTES, 2017, p. 83).

Em *Não tenha medo da solidão...*, Myrna responde a uma leitora do jornal chamada Susie. Na resposta, evidencia-se a exaltação do amor, pois a autora ressalta que, entre um amor impossível e nenhum amor, deve-se escolher o primeiro.

SD4. Porque, afinal de contas, entre ter um amor impossível e não ter nenhum, eu prefiro a primeira desgraça. Há experiências mil vezes piores do que a de um amor não realizado. Todo mundo quer realizar o seu amor. Mas “realizar”, no caso, parece-me secundário. Mas importante é ter o sentimento, é cultivar êste sentimento, é ter a sua companhia, é sentir que ele vive e que viverá tanto quanto a nossa alma.

A defesa de que as mulheres devem procurar o amor e o romantismo confirma uma imagem do feminino que o associa à sensibilidade, ao sentimento e a uma menor tendência para as tentações sexuais. Enquanto isso, o homem é visto como aquele que é naturalmente carregado de energia sexual, que precisa ter os seus desejos carnis saciados. Assim, determinadas construções imaginárias são reafirmadas a respeito do que configura, socialmente, um homem (macho) e uma mulher (fêmea).

Reafirmando tais perfis do macho e da fêmea, ressalta-se que Myrna é influenciada por discursos estabelecidos ao longo do tempo. Para Silva, Azevedo e Filgueiras (2017), o sujeito não é dono da sua vontade, pois ele sofre coerções de uma formação ideológica e discursiva, sendo, também, determinado pelo seu inconsciente. Dessa forma, segundo os autores, o sujeito não é a origem do sentido, e se inscreve numa formação discursiva para enunciar, determinado pela ideologia e pelo inconsciente.

Na SD5, a dúvida da leitora sobre renunciar a uma paixão é um espanto para Myrna, que argumenta sobre a grandeza do sentimento de amar:

SD5. Pode-se desejar mais de um pretendente? Sobretudo, quando amamos esse pretendente? Não, mil vezes não. E como se não bastassem tantas dúvidas já expressas na sua carta, você apresenta mais uma: - ‘Devo renunciar?’ Meu espanto é enorme. Fico na dúvida, se entendi bem. Mas está lá, nítido, indiscutível, o termo ‘renunciar’. Não faça isso, Maria. Você tem uma sorte excepcional e não lhe cabe o direito de ‘renunciar’ a essa sorte. Amar, como você ama, só acontece uma vez, quando acontece. Porque, geralmente, não acontece. A maioria das mulheres é obrigada a se contentar com pequenos sentimentos, sem a menor importância. Você, mais feliz, tem um grande sentimento. Trate de defendê-lo.

Esse sentido da relação amorosa é corroborado por Araújo (2011, p. 76), quando analisa que “o amor é visto como fundamental na união estável, e segundo as promessas do amor no ato religioso e os textos bíblicos, é algo que deve unir o casal por toda a vida”. Assim, ao utilizar o termo “defender”, por exemplo, Myrna não apenas reafirma a responsabilidade da mulher, mas também acredita nesse sentido duradouro do amor.

Na SD6, as questões sobre o casamento também apontam para a durabilidade, quando a colunista fala que o matrimônio não é um teste e que se casa para a vida toda:

SD6. Nenhuma mulher deve ‘ter medo de ficar solteira’. ‘Ter medo de ficar solteira’, ‘ter medo da solidão’, torna a mulher incapaz, totalmente incapaz, de escolher um bom marido e de fazer um bom casamento. O matrimônio não é uma aventura, não é uma experiência, não é um teste. A gente se casa para a vida e para a morte. Você própria admite que, casando com o ex-noivo, poderá vir a seguir o outro. Ora, minha desesperada Susie: o mínimo que uma noiva pode prometer ao homem com quem se vai casar é fidelidade. E se está incapacitada de fazer esta promessa, não deve casar, em hipótese alguma.

Essa repetição, no discurso de Myrna, tem como efeito produzir o reforço do saber que se procura ensinar. O que existe, aqui, portanto, é um discurso do tipo autoritário. Para Orlandi (2009), o fator autoridade se deve à injunção. A repetição é necessária, pois é por meio dela que se promove uma formulação já significada. Assim, o sujeito se identifica porque, sem a repetição, não se constitui o sentido, nem a interpretação. Ainda de acordo com a autora, um determinado discurso não é totalmente autoritário, o que abre margem para a consideração da contradição nos processos de produção dos sentidos. O que há é uma predominância do aspecto autoritário em maior ou menor grau. Em Orlandi (2006), vemos que, como a injunção tem suas formas e condições, também não se expressa da mesma forma nos diversos momentos da história. Os sentidos e os sujeitos se constituem por meio da história, possuindo diferentes formas de existência material em diferentes formações sociais.

Um dizer que se repete, na coluna de Myrna, é o do dever da mulher, cujo compromisso é ser inteiramente fiel ao marido. Comentando as condições de produção existentes à época, Fontes (2017, p. 32) diz que

o ideal de que as mulheres viviam para o amor, aliado à natural sensibilidade e romantismo atribuídos somente à figura feminina, reforçava a necessidade de abnegação de suas próprias diretrizes, paixões e quererem em detrimento daquilo que era considerado o ápice da felicidade: um casamento próspero e filhos bem educados.

A leitora mencionada na próxima sequência é Laura. Segundo a descrição de Myrna, ela ama e é amada, mas o problema é que o pretendente não possui condições financeiras para arcar com o casamento. Essa história é contada na coluna “Sejamos irresponsáveis, um pouco irresponsáveis”, cujo título já nos indica a opinião de quem a escreveu. Desse modo, para ela, Laura deveria casar-se, não se preocupar tanto com as consequências e até privar-se de suas necessidades, tudo em nome do amor:

SD7. Portanto, se Laura me pergunta se deve casar assim mesmo, se deve casar, mau grado as condições do rapaz, eu direi – DEVE. Vai lutar, e muito. Vai se privar de muita coisa. Terá pouquíssimos vestidos. Gastará todo o enxoval, sem poder renová-lo. Mas há, no meio de tudo isso, um fato

maravilhoso que a redime de todas as tristezas e de todas as agonias – ela ama. Eis o seu grande, o seu irresistível estímulo vital. E com o seu namorado acontecerá o mesmo. Ela será para ele a chamada ‘musa inspiradora’. O rapaz terá, à sombra do seu carinho, muito maior élan, mais capacidade de trabalho, mais fervor, mais ímpeto. As dificuldades iniciais, a luta em comum, a solidariedade de todos os momentos – tudo isso dará maior resistência, mais força, aos vínculos que já os unem. Esperar por quê? Se toda a espera é depressiva, corrosiva, para o próprio sentimento? Creio bem que o melhor conselho a ser dado aos noivos vacilantes, que levam muito em conta os argumentos de ordem prática, ainda é este: ‘SEJAM IRRESPONSÁVEIS’. Esta irresponsabilidade constitui como eu própria já observei, um artifício, um meio capcioso de que se serve a natureza, para facilitar todas as uniões. E assim tornar a vida imortal.

A instrução de Myrna aponta uma contradição em relação a outro texto seu. Caso a mulher deixe de ter vestidos ou mesmo de se cuidar, ela estará abandonando a preocupação de manter “a graça de ser mulher”, enfaticamente mencionada pela própria colunista ao comentar o caso de “Descontente” (SD1). Tal contradição parece indicar o fato de que, ao procurar significar a mulher, em um percurso de construção de sentidos, os textos de Myrna mostram a identificação com posições discursivas distintas. Assim, se, anteriormente, o sentido de sucesso no casamento estaria ligado à beleza física e/ou moral, aqui, a existência do amor já significa uma condição necessária e suficiente para a efetividade do casamento.

Ainda na sequência anterior, é relevante observar como o sentido da felicidade da mulher se restringe a um único fato: “ela o ama”. Enquanto isso, os sentidos produzidos sobre o que seria a felicidade do homem estão associados a outras questões: sendo amado, o marido terá carinho, vivacidade e até mais vontade para trabalhar. Assim, todas as dificuldades não pareceriam difíceis, pois a “obrigação” da mulher, e somente ela, estaria garantindo a existência e o prolongamento do casamento.

Na sequência abaixo, essa responsabilidade também pode ser verificada, quando Myrna defende que a mulher *deve* ter certa fragilidade. Conforme a colunista, os namoros e demais eventos amorosos decorrem

da ação do sexo feminino ao se permitir e não resistir. Logo, o significado do “ser frágil”, nesse sentido, é sempre estar suscetível ao amor quando ele aparecer. Myrna vai além, pois, sem essa permissão, segundo ela, não haveria nada no mundo:

SD8. Acho uma graça infinita nos seus escrúpulos. É a primeira mulher que considera a simpatia do bem amado, como uma qualidade suspeita. Você queria, finalmente, o que? Que ele fosse facinoroso? Você confessa: ‘tenho medo de não resistir’. Fico pasma. Ele quer se casar com você. Ora, você gosta dele: ama-o profundissimamente. E tem medo de casar com a pessoa amada! Quanto a sentir-se fraca, não se julgue excepcional, por causa disto. Todas as mulheres experimentam a mesmíssima fragilidade, diante do homem que amam. Ai do mundo, se não fosse assim! Porque, dessa fragilidade, decorrem os namoros, os noivados, os casamentos, e, em uma palavra, a própria eternidade da vida. Imagine, você, o contrário, isto é, que as mulheres fossem fortes, que resistissem sempre. Não haveria nada, nada no mundo. Eu sei que essa fragilidade pode levar a consequências trágicas. Mas, não no seu caso, que é tipicamente matrimonial.

Podemos afirmar que, se há a visão de que a mulher é a responsável por manter o casamento, a culpa de algo não dar certo na relação também é atribuída ao sexo feminino, o que isenta o homem de qualquer obrigação. Ao analisar os textos de Myrna, Fontes (2017) argumenta que há um reforço do estereótipo feminino socialmente instaurado. Então, a mulher aparece como um sujeito que executa ações ligadas, principalmente, aos desejos masculinos. Ainda conforme a autora, esse reforço também é visto nas passagens que dizem sobre as mulheres cuidarem da aparência, serem atraentes para seus maridos. Em todo caso, coloca-se em funcionamento a imagem estabilizada da mulher bela.

### **Considerações finais**

Investigamos o nosso *corpus* a fim de discutir as determinações históricas dos sentidos sobre o “ser mulher” e sobre o lugar do feminino nos relacionamentos amorosos, a partir dos textos da coluna *Myrna*

escreve. As sequências analisadas apontam uma ligação entre os sentidos da feminilidade, do amor e do casamento. Os sentidos produzidos a partir dos textos de Myrna identificam-se com uma formação discursiva tradicional, que considera o sucesso no casamento como o único meio viável para a felicidade da mulher. Para conseguir isso, a mulher deve cuidar da sua aparência física, buscar características relacionadas a um padrão socialmente aceito de feminilidade, bem como ser educada, sensível e inteligente. Por outro lado, uma segunda defesa de Myrna é a de que a mulher precisa, simplesmente, encontrar alguém que ela ame e que a faça amada. Longe de significar o entrecruzamento de diferentes formações discursivas, tais defesas representam posições que se situam no interior de um mesmo campo de sentidos, no mesmo espaço do dizer.

Ao falar sobre o casamento e o amor, Myrna vai formulando um determinado modelo de feminilidade. A cada discurso seu, há uma memória sobre a mulher que vai sendo retomada, reforçando a ideia de que ela existe apenas em função do homem. Essas maneiras de considerar a mulher representam construções discursivas naturalizadas, sedimentadas, o que impede a sua percepção como uma forma de dominação.

Notamos, também, que os papéis desempenhados pelos dois sexos são diferentes, uma vez que havia, além de uma legislação que dava suporte a tal distinção, um conjunto de formações imaginárias construídas em relação aos significados da mulher e do homem. Assim, os sentidos produzidos pelo heterônimo de Nelson Rodrigues sinalizavam a responsabilidade da mulher de cultivar o amor e de perpetuar a instituição matrimonial, obrigando-a a se privar de suas vontades, submetendo-se à dominação masculina. Estamos tratando de saberes que existem em um processo de constante atualização. O entendimento dessas formas de construção discursiva pode contribuir para uma sociedade mais igualitária, a partir da compreensão de como nossa linguagem ainda guarda um legado dessa opressão.

## Referências

ARAÚJO, Luciano Luiz. **O universo feminino nas crônicas de Arnaldo Jabor: uma análise discursiva do livro Amor é prosa, sexo é poesia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Disponível em: [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/506/1/Dissertacao\\_LucianoLuizAraujo\\_2011.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/506/1/Dissertacao_LucianoLuizAraujo_2011.pdf). Acesso em: 07 nov. 2019.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BEZERRA, Raquel Nery Lima. **De mulher para mulher**: a constituição do feminino em Myrna/Nelson Rodrigues. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11216/1/Raquel%20Nery%20Lima%20Bezerra.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (coord.). **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS; Instituto de Letras, 2001.

FONTES, Bruna Caroline dos Santos. **Ser mulher**: a representação feminina de Nelson Rodrigues e uma leitura da mídia contemporânea. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/8545/1/DISSERTACAO\\_SerMulherRepresenta%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/8545/1/DISSERTACAO_SerMulherRepresenta%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 09 nov. 2019.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270675/1/Mariani\\_BethaniaSampaioCorrea\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270675/1/Mariani_BethaniaSampaioCorrea_M.pdf). Acesso em: 27 nov. 2019.

MITTANCK, Vanuza Alves. As mulheres de 1950: seu comportamento e atitudes. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499470616\\_ARQUIVO\\_ASMULHERESDE1950seucomportamentoesusasatitudes.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499470616_ARQUIVO_ASMULHERESDE1950seucomportamentoesusasatitudes.pdf). Acesso em: 27 nov. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PIMENTEL, Aguimario. **Nelson Rodrigues e a literatura de massa**. Maceió: IFAL, 2014.

SILVA, Dalexon Sérgio da; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de; FILGUEIRAS, Arthur de Araújo. Bela, recatada e do lar: uma análise discursiva das posições-sujeito da mulher na revista *Veja*. **Entretextos**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 209-229, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/27917>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SILVA, Silmara Dela; DARÓZ, Elaine Pereira; CARNEIRO, Ceres Ferreira. Bela? Da construção de evidências do discurso sobre a mulher e a beleza. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Francisco Vieira da. (org.). **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. Myrna escreve: um estudo das representações das relações amorosas no consultório sentimental de Nelson Rodrigues. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História - História: guerra e paz**. Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548206372\\_ed1bb2d5f11054ce204d6eafa88753eb.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548206372_ed1bb2d5f11054ce204d6eafa88753eb.pdf). Acesso em: 09 nov. 2019.